

A DESCENDÊNCIA

Livro 82

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



AS DESPEDIDAS

Feitas as despedidas, chegou o momento da partida, içaram os cabos, soltaram as amarras, obedecendo a brisa partiram com a velocidade dos ventos cansados e das velas rasgadas.



NOVAS ALEGRIAS

Longe de requisitar uma disciplina sentimental, faziam o que podiam, rivalizavam entre o vazio e a adaptação. A vida na nova pátria reservando-lhes surpresas ao verem-se enriquecidos com novas alegrias, viveram de montagens provisórias até que a vida dignificou suas presenças. Buscaram se afastar do consolo primitivo sem adaptar-se. Seria uma ofensa, povoados das injustiças de litígios na terra do Levante. A luta, para ser bem sucedida incentivava como explorador, fazendo da linguagem um malabarismo a transpor, usando algo menos complicado como o ato. Desistindo

das concessões aprenderam o idioma local, sorriram quando recebidos e agradeceram quando acolhidos. Fincaram raízes, escavaram na terra fértil seus vestígios culturais e genéticos. Enterraram um mapa, uma dor sem retorno, um cedro do lado esquerdo do peito e, uma família dando ânimos à utopia.



OBJETOS DA FAMÍLIA

Dilato a existência cercando-me de objetos da família, eles estão carregados de afetos, deslizam nos ponteiros do relógio do meu avô, na mesa que foi do escritório da loja dos meus pais, nos fundos falavam como documentos que narram pedaços de um mostruário que poderia estar no papel ou na peça de tecido aberta sobre o balcão, ainda habitando meus sonhos investigando o fundo das minhas lembranças e do livro do contador. Um carregador de pólvora preparado semanalmente para a caça de perdizes, cruzava com uma placa de preparação microscópica e um rádio capelinha na sala.

Sementes de tomilho habitaram o mesmo canteiro da hortelã esperando o trigo moído vindo de jardins de todo o mundo numa viagem exótica plantado ali para crescer em longínquas terras.



QUEM BENZEU

Quem benzeu o mar bendito acreditava que ele traçaria em suas ondas no caminho de regresso ao Líbano um caminho que nunca pode fazer porque seus dias se ocuparam em carregar todos os dias outras sobrevivências.

VIAJANTE

Um componente viajante estava impregnado em todas as imagens. Em lugar de vir de navio, chegavam num desenho, numa música, na sensibilidade especial a serviço das lembranças. Sem muita ajuda faziam pequenas gestos transplantando-os em pequenas inserções transmitidas como sementes aos seus descendentes.



SECULARES

Todos os tempos se transmutam em ligeiras vivências como chuva sobre recordações seculares. Aventuro-me minar lentamente o esquecido até que, pouco a pouco, todas as saudades se espalhem como pedaços meus pelo curso do que me resta viver.

ALI ESTAVAM

Cada vez que me detive a olhar-me, ali estavam todos os seres, imagens, sensações do meu passado chamando-se uns aos outros, um acúmulo de diálogos adicionando locuções, paisagens, livros, partilhas, ordenando puros e pecadores, falsos e verídicos.



A DESCENDÊNCIA

Algumas vezes percebi com lucidez que a história me escolheu, eu nunca escolhi minha história, eu nunca poderia colher todas as chaves, as fechaduras, os medos, as esmolas, as maletas de todos os mascates que construíram minha vida circulando entre comércios, lojas, abrigos, carroças, o chaveiro do meu avô, dos meus tios, do meu pai. Meu tio Jorge carregou até o fim da sua vida, próximo aos 95 anos a chave do cofre como um símbolo já que ao criar 15 filhos, não me imagino que colecionasse outras riquezas que histórias e descendências. Estas circulam guardadas em silêncio nas células que marcam um tema de honra biológica: a descendência.

GENEROSIDADE

Uma generosidade cuidadora reinventava alimentos para o doador e o receptor. O que levava e trazia legado intacto que se proliferou nos usos e costumes, suporte colossal, embora os meios limitados. Um ou outro fracasso tirava temporalmente lembranças dispondo-as nos olhares comunitários, na figueira, na parreira, no mapa da partida, no transplante de uma terra à outra terra, um personagem que não podia ficar ignorado, palpável como um cedro despedaçado. Um mal presságio entre a invasão turca, a diáspora palestina, a usurpação dos territórios, a invasão do Líbano rechaçada fortemente pela união de muçulmanos e cristãos. A corrupção uma grave doença que sempre avançou a par das honestas esperanças, famílias dilaceradas, mortes inocentes, enquanto falsas linhas traçavam linhas perversamente calculadas. A morte definiu a união da usurpação com o ódio. Líbano era um dos poucos países árabes sobreviventes à demolição da cultura milenar presente no Iraque, na Síria, no Iêmen, na Ásia Central, na Líbia.

MEUS ANCESTRAIS

Meus ancestrais biológicos sempre foram botânicos guardiões de vários continentes, colecionadores, proprietários de um arquivo de objetos, sabedorias, sementes que levadas nas mãos de homens feito pássaros transportadores da vida comunitária histórias pouco ditas.



FRONTEIRAS II

O exílio endurece os humanos. Os exilados tiveram que pensar com as mãos fortalecidas como cedros e os pés fincados como terra. Encontrar uma forma de definir fronteiras entre aquilo que lhes foi familiar e o que se apresenta como estranho.

FRONTEIRAS I

Exercendo o aprendizado dos antepassados fenícios, os mascates vendiam a crédito, suas passagens cíclicas permitiam atualizar pagamentos e oferecer novas mercadorias que supriam os habitantes pequenos lugarejos de novidades jamais vistas, tecidos, roupas, miudezas, alimentos, raramente fotografias e medicamentos, lápis, caderno, linha e agulha. Sua natureza era comerciar, conhecer e dar-se a conhecer, alguns ficavam sentando seu futuro, outros, cada lugar os empurrava a outra margem saltando fronteiras.



DAMASCO - ALI AHMAD SAID ESBER

Damasco, tuas sementes não estão nas mãos dele, nem em seus passos, de que lhe servem então os campos?

INVENTÁRIOS

Ao fazer inventários sentidos nos paladares, nos perfumes, nas audições, os humanos começam a perceber uma distância menos abstrata, ao mesmo tempo humanizam os afetos que pareciam concretos. Considerável parte dos produtos comercializados pelos fenícios provinha de suas oficinas artesanais, que dedicavam à metalurgia (armas de bronze e de ferro, joias de ouro e de prata, estátuas religiosas), assim como a fabricação de vidros coloridos e à produção de tintura de tecidos (merecem destaque os tecidos de púrpura). Por sua vez, importavam de várias regiões produtos como metais, essências aromáticas, pedras preciosas, cavalos e cereais. Tiro era a principal cidade que se dedicava ao comércio de escravos, adquirindo prisioneiros de guerra e vendendo-os aos soberanos do Oriente próximo.

A ESCALA SOCIAL FENICIA

- empresários – eram pessoas que faziam o comércio marítimo e de escravos, donos de oficinas de artesanato.
- funcionários do governo e sacerdotes – eram a classe dominante.
- pequenos proprietários e trabalhadores – classe formada por artesãos, pescadores, camponeses e marinheiros.
- escravos e marinheiros pobres – os oprimidos e mais prejudicados socialmente.



QUERO UMA TRÉGUA

Quero uma trégua que precipite a paz como novidade, que salvguarde alguma virtude útil, que desafie e atravesse as bocas habituadas a calar, viciadas em silêncios, lugar onde acumulado se deposita o não-pensar.

***DORME NAS PRÓPRIAS MÃOS - ALI AHMAD
SAID ESBER***

Estende as palmas das mãos
para a pátria morta, para as ruas mudas
e quando a morte gruda em seus olhos
ele veste a pele da terra e das coisas
dorme nas próprias mãos.



TUDO

Nossos desejos se aproveitam do imprevisto e convencem o coração de que o amor tudo justifica. Temendo as falhas, nos valemos de estratégias para evitar despedidas e ataques, ofensas, rendições, providenciamos uma despedida que procure no término nos livrar da mútua rendição. Toda saída se vê dificultada porque nunca é fácil aceitar a desistência, entregando-se tudo o que resta até ter-se a certeza de que não há nada mais a fazer.

INVASÃO

Invadido por uma insônia ocasional, submeto-me à minha consciência, que se apresenta para lembrar da minha humilde condição. Se houver aceitação que o sonho possa ser tão penoso e triste morrer todos os dias.



ARROGÂNCIA ASSISTENCIAL

Ocupando um lugar diferente, conhecedores da vida, os anjos se apresentam em ações desagradáveis, nas dores insuportáveis, em convivências toleradas. Autorizando a percepção a mudar o rumo, propor o sequestro das boas intenções na medida em que se padronizam os voos e as aterragens forçadas. Os anjos estão longe de ofertar a arrogância assistencial.

ALEJANDRA VALENTE

“Comer é uma das dimensões primárias do habitar e quiçá tudo tenha começado em torno do fogo nessa noite primordial em que produziu o passo do cru ao cozido. A prática da comida se distanciou fazem milênios do mero ato biológico de satisfação de necessidades básicas para dar lugar à conformação de um catálogo acerca das diversas manifestações do homem.”



ENFOQUE NEGATIVO

O enfoque intencional de sublinhar os erros da humanidade impede a toda humanidade de saber os acertos, a insistência de enaltecer o pior leva os jovens a acreditarem que a ruptura constrói avanços.

CONCEITO DE ESPÉCIE

Constitui a espécie um conjunto de indivíduos capazes de procriar descendência fértil.



BIODIVERSIDADE

A soma de todas as espécies diferentes que povoam nosso mundo recebe o nome de biodiversidade.



CONSTRUÇÃO SOCIAL

É inegável que as propostas de construção social entre os humanos evoluíram positivamente, desta forma a espécie segue viva e buscando construir formas de viver juntos.

CONTAR A VERDADE

Vamos necessitar novas formas de contar a verdade. Muita humildade, diálogos, memória, ética, Valores, protagonismo humano.



ÚNICA

A espécie humana é a única distribuída por todo o planeta.



TODAS AS ESPÉCIES

Até onde sabemos, todos os seres vivos do planeta procedemos de um primeiro antepassado que viveu não menos de 3 milhões e 600.000 de anos, tempo da evolução desde a origem da vida até o surgimento dos primatas, nosso grupo zoológico. Desde então, a vida não voltou a produzir-se, senão que os seres vivos a transmitem a seus descendentes, geração pós geração, no momento da reprodução. No fundo, todas as criaturas do planeta seguimos formando parte do primeiro ser vivo.

HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

Com a arqueologia fazemos História e historiografia. A instalação da cultura fenício-púnica recentemente vem sendo estudada e valorizada buscando compreender os mecanismos e repercussões que tiveram os colonizadores-comerciantes fenícios ocidentais ao produzir os contatos com a população que habitava o atual território português da metade do I sec. a.C. Estudos baseados na Antropologia, na Etnografia, na etnoarqueologia, nas rotas marítimas e na cultura marítima (sedimentologia, petrologia e fauna marítima), como esses nos permitem entrar na microhistória.



MINHA TRISTEZA

Posei minha tristeza na mesa com um livro aberto, as palavras aprisionadas em cada página traziam memórias de antigos vícios, de repente transitando para o presente na minha direção restos diluídos que ainda me fazem chorar, ressuscitam emoções abandonadas.

LOJINHA

Entre caixotes, fardos, tecidos, sacolas, o mascate conferia as anotações em torno dos esforços daquela semana. Escondendo a vergonha do calo no ombro e o pé rachado de caminhar, que um sapato barato faria agonizar. Ao entrar na “lojinha” se benzia pensando no São Jorge, acreditando que ele o protegeria de fracassos. Suas parcas esperanças davam bases suficientes para pensar no futuro. O trabalho teimou em fazer ali prolongamentos.



O PRESENTE IGNORA

Insisto em que nem a aparência, nem a artimanha, nem o registro, nenhum motivo que se saiba haverá de ser instrumento para confirmar todas as insuficiências. Cancelo o improvável. Resta-nos aprender a olhar profundamente o presente. Suspeito das previsões sabendo que o presente não conhece o futuro.

ATENÇÃO

Com particular atenção dissimulei estar afetado de um descuido, dividi os sentidos para separar o admissível daquele que não o é. Fiz um passeio para distrair as melancolias que me provocavam as injustiças. Domiciliei as dores que vagueiam pelas memórias.



NOVOS PAPÉIS

Caminhávamos a bordo, lado a lado sujeitos à disciplina que nos limitava do convés ao mar. Os gestos apontavam ao porto deixado, os olhos encravados nos olhos deixados, sentindo o desejo de chegar logo e acabar com agonia da incógnita. Uma viagem feita de incongruências, contradições. As fantasias buscando novas formas se aventuravam a dar-nos novas funções para as velhas recordações assumindo novos papéis.

ELOS DA VIDA

A sincronia da Natureza acolhe e multiplica.

As formigas cortadeiras trabalham em busca de alimento e segurança.

Bando de pássaro planam para o acasalamento.

O êxodo dos cupins os lança para o acasalamento.

As árvores tem truques evolutivos; sobrevivem as secas.

Os humanos emigram por ambição e sobrevivida.

Esses são alguns elos da corrente da vida.



Roberto Curi Hallal

